



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO – CCSB
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA
PORTUGUESA

MIRELA CUNHA DA SILVA

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: um estudo
sobre concepções e práticas de professores de Língua Portuguesa**

SÃO BERNARDO (MA)
2026

MIRELA CUNHA DA SILVA

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: um estudo
sobre concepções e práticas de professores de Língua Portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em
Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de
Ciência de São Bernardo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

SÃO BERNARDO (MA)
2026

MIRELA CUNHA DA SILVA

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: um estudo
sobre concepções e práticas de professores de Língua Portuguesa**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência de São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim (UFMA)
Presidente

Prof. Dr. Francisco Herbert da Silva (UESPI)
Avaliador Externo

Prof. Esp. Moises Garcês Silva (UFMA)
Avaliador Interno

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Mirela Cunha.

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO :
um estudo sobre concepções e práticas de professores de
Língua Portuguesa / Mirela Cunha Silva. - 2026.
60 p.

Orientador(a): Thiago de Sousa Amorim.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2026.

1. Variação Linguística. 2. Sociolinguística. 3.
Ensino de Língua Portuguesa. 4. Concepções Docentes. 5.
Práticas Pedagógicas. I. Amorim, Thiago de Sousa. II.
Título.

Dedico esse trabalho à minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Em português, a gente diz: “eu consegui!”, mas biblicamente, a gente fala: “Para que todos vejam, saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou.” (Isaías 41:20) e, de modo especial, eu, Mirela Cunha, primeiramente, agradeço a Deus, fonte de força, sabedoria e direção em minha vida, por ter guiado meus passos ao longo desta caminhada acadêmica e por me sustentar nos momentos de dificuldades, angústias e incertezas. Sua presença foi essencial para que eu mantivesse a fé e a perseverança necessária para enfrentar cada desafio, permitindo que eu não desistisse diante dos obstáculos e alcançasse mais essa grande e importante conquista.

Aos meus pais, expresso minha mais profunda gratidão pelo apoio incondicional, pelo amor, pela compreensão nos momentos de ausência e por acreditarem em mim até mesmo quando eu mesma duvidei da minha capacidade. Vocês sempre foram minha base, meu porto seguro e minha maior motivação para seguir em frente.

À minha irmã e à minha sobrinha, Maria Heloísa, agradeço por serem meu alicerce emocional, inspiração diária e fonte constante de alegria. O carinho, a presença e o afeto de vocês tornaram essa trajetória mais leve e significativa.

À toda minha família, deixo registrado meu sincero agradecimento pelo incentivo, pelas palavras de apoio e por compreenderem as renúncias exigidas durante esse período. Cada gesto de carinho e incentivo foi fundamental para a concretização deste sonho.

Ao meu namorado, agradeço por estar ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio, compreensão, incentivo e paciência ao longo dessa jornada. Sua companhia foi essencial nos momentos de cansaço, ansiedade e insegurança, sendo um verdadeiro suporte para que eu permanecesse firme em meus objetivos e não perdesse de vista meus sonhos.

Aos meus amigos fiéis, agradeço pelo companheirismo, colo, incentivo e presença constante durante toda essa caminhada acadêmica. Em especial, Daniele e Franciane, que compartilharam comigo tantos momentos, escutaram minhas angústias, celebraram minhas conquistas e nunca soltaram minha mão. A amizade e o apoio de vocês tornaram essa jornada, muitas vezes desafiadora, mais leve, alegre e significativa.

Ao meu orientador, expresso minha gratidão pelas orientações, pela paciência, pela disponibilidade e pelas contribuições valiosas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Seus ensinamentos e direcionamentos foram essenciais não apenas para a construção desta pesquisa, mas também para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores participantes desta pesquisa, agradeço pela disponibilidade, receptividade e pelas valiosas contribuições compartilhadas. A colaboração de cada um foi indispensável para a realização desta investigação e para o enriquecimento deste estudo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho e para a concretização deste momento tão importante em minha vida. Esta conquista não é apenas minha, mas de todos que estiveram ao meu lado ao longo dessa caminhada.

“Que todo o meu ser louve o Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bençãos!”

Salmos 103:2.

RESUMO

A língua constitui um importante instrumento de interação social e desempenha papel fundamental no contexto educacional, uma vez que as concepções dos professores sobre linguagem influenciam diretamente suas práticas de ensino. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo investigar como os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio de uma escola pública de São Bernardo (MA) compreendem e tratam a variação linguística em suas práticas pedagógicas, a fim de analisar de que maneira suas concepções sobre a língua influenciam o processo de ensino-aprendizagem e contribuem (ou não) para a valorização da diversidade linguística no ambiente escolar. Especificamente, os seguintes objetivos: 1) identificar as concepções de língua, norma e variação linguística presentes nos discursos de professores; 2) analisar as práticas pedagógicas adotadas pelos professores no tratamento da variação linguística, a fim de verificar se tais práticas favorecem a valorização da diversidade linguística em sala de aula; e 3) compreender como os docentes percebem a importância do ensino da variação linguística e social dos estudantes. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo e de campo, realizada em uma escola pública estadual do município de São Bernardo, Maranhão. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas estruturadas realizadas com dois professores de Língua Portuguesa, identificados como P1 e P2, cujas respostas foram analisadas à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. O estudo fundamentou-se, principalmente, nos trabalhos de Labov (2008), Bagno (2007), Travaglia (2009), Antunes (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Perini (1992). Os resultados evidenciaram que os participantes reconhecem a variação linguística como um fenômeno natural da língua e atribuem importância ao seu ensino, sobretudo por favorecer o respeito à diversidade linguística e o combate ao preconceito linguístico. Entretanto, também revelaram que o tratamento da variação linguística ainda ocorre de forma pontual, enquanto a norma-padrão permanece como eixo central das práticas pedagógicas. Conclui-se que as concepções dos professores influenciam diretamente o tratamento da variação linguística no contexto escolar, evidenciando a necessidade de fortalecer práticas de ensino que articulem o domínio da norma-padrão com a valorização da diversidade linguística, contribuindo para uma educação linguística mais crítica, inclusiva e socialmente comprometida.

Palavras-chave: variação linguística; sociolinguística; ensino de língua portuguesa; concepções docentes; práticas pedagógicas.

RESUMEN

La lengua constituye un instrumento importante de interacción social y desempeña un papel fundamental en el contexto educativo, ya que las concepciones que tienen los docentes sobre el lenguaje influyen directamente en sus prácticas de enseñanza. En este contexto, esta investigación tuvo como objetivo indagar cómo los docentes de portugués de secundaria en una escuela pública de São Bernardo (MA) comprenden y abordan la variación lingüística en sus prácticas pedagógicas, con el fin de analizar cómo sus concepciones del lenguaje influyen en el proceso de enseñanza-aprendizaje y contribuyen (o no) a la valoración de la diversidad lingüística en el entorno escolar. Específicamente, los siguientes objetivos: 1) identificar las concepciones de lenguaje, norma y variación lingüística presentes en los discursos de los docentes; 2) analizar las prácticas pedagógicas adoptadas por los docentes para abordar la variación lingüística, con el fin de verificar si dichas prácticas favorecen la valoración de la diversidad lingüística en el aula; y 3) comprender cómo los docentes perciben la importancia de enseñar la variación lingüística y social entre los estudiantes. Esta investigación se caracteriza por su naturaleza cualitativa y descriptiva, y se llevó a cabo en una escuela pública estatal en el municipio de São Bernardo, Maranhão. Los datos se recopilaron mediante entrevistas estructuradas con dos profesores de portugués, identificados como P1 y P2, cuyas respuestas se analizaron a la luz de los principios de la sociolingüística variacionista. Este estudio se basó principalmente en las obras de Labov (2008), Bagno (2007), Travaglia (2009), Antunes (2007), Bortoni-Ricardo (2004) y Perini (1992). Los resultados mostraron que los participantes reconocen la variación lingüística como un fenómeno natural del lenguaje y le atribuyen importancia a su enseñanza, especialmente porque promueve el respeto por la diversidad lingüística y combate los prejuicios lingüísticos. Sin embargo, también revelaron que el tratamiento de la variación lingüística aún se produce de forma esporádica, mientras que la norma estándar sigue siendo el eje central de las prácticas pedagógicas. Se concluye que las concepciones de los docentes influyen directamente en el tratamiento de la variación lingüística en el contexto escolar, lo que subraya la necesidad de fortalecer las prácticas docentes que articulen el dominio de la norma estándar con la valoración de la diversidad lingüística, contribuyendo así a una educación lingüística más crítica, inclusiva y socialmente comprometida.

Palabras clave: variación lingüística; sociolingüística; enseñanza de lengua portuguesa; concepciones docentes; prácticas pedagógicas.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A sociolinguística: variacionista e educacional.....	15
2.2 Princípios sociolinguísticos: língua, norma, variação e preconceito linguístico	17
3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	25
3.1 Contexto da pesquisa	25
3.2 Classificação da pesquisa.....	25
3.3 Campo de investigação	26
3.4 Interlocutores.....	26
3.5 Procedimentos técnicos de geração de dados.....	27
3.6 Procedimentos técnicos de análise de dados	28
4 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO	29
4.1 Concepções de língua, norma e variação	29
4.2 Práticas pedagógicas no tratamento da variação	37
4.3 A percepção dos professores sobre a importância do ensino da variação linguística	45
4.4 Relação entre concepções de língua e práticas pedagógicas.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	57
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	58

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de Língua Portuguesa tem sido objeto de constantes discussões no campo da Linguística e da Educação, especialmente em razão das transformações ocorridas nas concepções de língua e nas propostas de ensino ao longo das últimas décadas. Durante muito tempo, o ensino esteve fortemente associado à memorização de regras gramaticais e à valorização da norma-padrão como modelo único de uso da língua. Entretanto, os avanços dos estudos linguísticos contribuíram para ampliar essa compreensão, passando a conceber a língua como um fenômeno social, histórico, cultural e heterogêneo, construído nas diferentes situações de interação entre os falantes.

Nessa perspectiva, compreender a língua significa reconhecer que ela está em constante transformação, acompanhando as mudanças da sociedade e adaptando às necessidades comunicativas de seus usuários. Os indivíduos utilizam a linguagem para expressar ideias, opiniões, sentimentos, compartilhar conhecimentos e estabelecer relações nos mais diversos contextos sociais. Assim, a língua não pode ser entendida como um sistema homogêneo e imutável, mas como uma prática social que se manifesta de diferentes maneiras conforme as características históricas, culturais, regionais e sociais dos grupos que a utilizam.

Essa diversidade de usos constitui o fenômeno da variação linguística, característica inerente a todas as línguas naturais. As diferentes formas de falar refletem as experiências, a cultura, a origem e os contextos de interação dos falantes, não representando erros ou desvios da língua, mas possibilidades legítimas de realização da linguagem. No contexto brasileiro, marcado por ampla diversidade cultural e social, essa heterogeneidade se manifesta de maneira bastante evidente, revelando que uma mesma língua pode apresentar diferentes formas de uso sem comprometer a comunicação entre seus falantes.

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes- é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (Bagno, 1999, p. 16).

Ao utilizarem a língua nas mais variadas situações de interação, os indivíduos constroem sentidos, defendem pontos de vista, estabelecem relações e participam ativamente da vida em sociedade. Nesse processo, as diferentes variedades linguísticas desempenham importante papel na constituição da identidade dos falantes e dos grupos sociais aos quais pertencem. Entretanto, apesar de a diversidade linguística constituir uma característica natural da língua, ainda são frequentes concepções que atribuem maior prestígio a determinadas variedades, enquanto outras são desvalorizadas ou consideradas inadequadas apenas por se distanciarem da variedade de prestígio socialmente estabelecida. O preconceito linguístico, constitui-se numa marginalização que é pautada no modo se falar dos indivíduos, que segundo Bagno (1999, p. 40):

[...] baseia-se na crença de que só existe uma única língua [...] digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escolagramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’.

Essa forma de compreender a língua contribui para a manutenção do preconceito linguístico, fenômeno que ultrapassa questões estritamente linguísticas e se relaciona diretamente às desigualdades sociais e culturais presentes na sociedade. Em muitos casos, determinadas maneiras de falar tornam-se motivo de discriminação, fazendo com que seus falantes sejam julgados por sua variedade linguística e não por sua capacidade de comunicação. Diante dessa realidade, é fundamental que a escola assuma uma postura comprometida com o reconhecimento da diversidade linguística, promovendo o respeito às diferentes formas de expressão e contribuindo para a formação de estudantes capazes de compreender a língua em sua pluralidade.

Nesse contexto, o ensino de Língua Portuguesa passa a desempenhar um papel que ultrapassa a transmissão de conteúdos gramaticais. Além de possibilitar aos estudantes o domínio da norma-padrão, necessária em diferentes práticas sociais, cabe à escola favorecer a compreensão de que as demais variedades linguísticas também possuem legitimidade e desempenham funções específicas nos diversos contextos de comunicação. Dessa forma, ensinar língua portuguesa significa ampliar as competências comunicativas dos estudantes, permitindo-lhes utilizar diferentes recursos linguísticos de acordo com as exigências de cada situação, sem que isso implique a desvalorização de suas experiências linguísticas ou de sua identidade cultural.

Nesse cenário, o professor assume um papel fundamental, pois as concepções que possui acerca da língua, da norma-padrão e da variação linguística influenciam diretamente suas escolhas pedagógicas. A forma como compreende esses aspectos pode refletir na seleção dos conteúdos, nas estratégias de ensino adotadas e, sobretudo, na maneira como conduz situações envolvendo as diferentes variedades linguísticas presentes no ambiente escolar. Desse modo, investigar as concepções docentes torna relevante para compreender como elas podem repercutir nas práticas desenvolvidas em sala de aula e contribuir para um ensino que respeite a diversidade linguística dos estudantes.

Partindo dessas considerações, este estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: como as concepções de língua e de variação linguística de professores de Língua Portuguesa se relacionam com as práticas pedagógicas desenvolvidas no Ensino Médio? Para responder a essa questão, estabeleceu como objetivo geral: investigar como os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio de uma escola pública de São Bernardo (MA) compreendem e tratam a variação linguística em suas práticas pedagógicas, a fim de analisar de que maneira suas concepções sobre a língua influenciam o processo de ensino-aprendizagem e contribuem (ou não) para a valorização da diversidade linguística no ambiente escolar.

Especificamente, temos os seguintes objetivos: 1) identificar as concepções de língua, norma e variação linguística presentes nos discursos de professores; 2) analisar as práticas pedagógicas adotadas pelos professores no tratamento da variação linguística, a fim de verificar se tais práticas favorecem a valorização da diversidade linguística em sala de aula; e 3) compreender como os docentes percebem a importância do ensino da variação linguística e social dos estudantes.

A escolha dessa temática se justifica pela relevância das discussões acerca da diversidade linguística para o ensino de Língua Portuguesa e pela necessidade de compreender como os professores têm interpretado e incorporado esses pressupostos em sua prática docente. Considerando que a escola desempenha papel essencial na formação linguística e social dos estudantes, torna-se importante investigar de que maneira o ensino pode contribuir para a valorização das diferentes variedades linguísticas, favorecendo tanto o desenvolvimento da competência comunicativa quanto a formação de atitudes de respeito à diversidade e de enfrentamento ao preconceito linguístico.

Do ponto de vista social, esta pesquisa se justifica por contribuir para a promoção do respeito às diferentes formas de falar e se expressar, combatendo o preconceito linguístico ainda existente em diversos contextos. A forma como o docente aborda a variação linguística pode influenciar diretamente a autoestima e o sentimento de pertencimento dos alunos, fortalecendo

o reconhecimento das múltiplas identidades socioculturais e regionais que compõem a realidade brasileira.

Diversas pesquisas no campo da Sociolinguística Educacional têm discutido a importância do reconhecimento da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, destacando o papel da escola e do professor no enfrentamento ao preconceito linguístico e na valorização dos usos reais da língua. Sobre isso podemos citar algumas pesquisas recentes voltados para essa área: como a de Silva (2023), intitulada, *O tratamento da variação linguística em sala de aula: reflexões críticas sobre a prática docente*. Referenciamos também o estudo de Batalha *et al.* (2025), sob o título, *Variação linguística em sala de aula: concepções de futuros professores e professores em exercício*. Investigar essas concepções torna-se fundamental para identificar avanços, limitações e contradições no tratamento da variação linguística no contexto escolar.

Com base nessas pesquisas e em outras não citadas, este estudo busca oferecer contribuições para a área da Educação, sob o viés da sociolinguística, voltadas ao aprimoramento da formação inicial e continuada de professores.

No que se refere ao município de São Bernardo e nos nossos levantamentos realizados em bases de dados como, Google Acadêmico, SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, identificamos a inexistência de estudos que abordem, de forma específica e contextualizada, a percepção de docentes do Ensino Médio, no município bernardense, a respeito das noções de variação linguística e sua relação com a sala de aula.

Dessa forma, a presente pesquisa busca preencher essa lacuna, ao analisar, de maneira crítica e situada, as concepções e práticas pedagógicas de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica em São Bernardo do Maranhão, considerando as particularidades socioculturais e linguísticas da região. Ao fazê-lo, o estudo amplia o debate sobre o ensino de língua em contextos pouco investigados, contribuindo para o fortalecimento da Sociolinguística Educacional e oferecendo subsídios para a reflexão sobre a formação inicial e continuada de professores, bem como para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e comprometidas com a valorização da diversidade linguística.

Diante das discussões apresentadas, é evidente que refletir sobre a variação linguística no contexto escolar é indispensável para a construção de um ensino de Língua Portuguesa que considere a língua em sua diversidade e nas diferentes formas pelas quais ela se manifesta no cotidiano dos falantes. Nesse sentido, compreender as concepções dos professores acerca desse fenômeno permite ampliar o debate sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula e sobre a maneira como elas podem contribuir para um ensino mais sensível à realidade linguística dos

estudantes. Assim, esperamos que esta pesquisa possa colaborar com as discussões sobre a valorização da diversidade linguística no ambiente escolar, incentivando práticas pedagógicas que conciliem o ensino da norma-padrão com o reconhecimento das diferentes variedades da língua, favorecendo, desse modo, uma formação mais crítica, reflexiva e comprometida com o respeito às diferenças.

Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida em uma escola pública estadual do município de São Bernardo, Maranhão. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas estruturadas realizadas com dois professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio, cujas respostas foram analisadas à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em quatro seções. A segunda seção apresenta o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, abordando a Sociolinguística Variacionista e Educacional, bem como os conceitos de língua, norma, variação e preconceito linguístico. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos adotados, contemplando o contexto da pesquisa, sua classificação, o campo de investigação, os interlocutores e os procedimentos de geração e análise dos dados. Na quarta seção, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, com foco nas concepções dos professores acerca da língua, da norma e da variação linguística, nas práticas pedagógicas relacionadas ao tratamento da variação, na percepção dos docentes sobre a importância de seu ensino e na relação entre suas concepções e práticas. Por fim, a quinta seção reúne as considerações finais, retomando os principais resultados do estudo e suas contribuições para a reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva da valorização da diversidade linguística.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A sociolinguística: variacionista e educacional

A Sociolinguística constitui um campo de investigação que se dedica ao estudo das relações entre língua e sociedade, considerando a linguagem como um fenômeno essencialmente social, histórico e heterogêneo. Tal perspectiva representa um avanço em relação às abordagens tradicionais da Linguística, que, durante muito tempo, privilegiaram uma visão normativa e homogênea da língua, centrada na descrição de um sistema idealizado e desvinculado das práticas reais de uso.

Nesse contexto, a Sociolinguística surge como uma área que busca compreender de que maneira fatores sociais, como escolaridade, faixa etária, classe social e contexto de interação, influenciam as diferentes formas de uso da língua. De acordo com Labov (2008), a variação linguística não deve ser compreendida como um desvio ou inadequação, mas como um elemento constitutivo do próprio sistema linguístico. Conforme afirma o autor, “a heterogeneidade não é apenas comum, é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (Labov, 2008, p. 238), o que evidencia que a diversidade de usos não compromete a organização da língua, mas, ao contrário, revela sua dinâmica interna.

A chamada Sociolinguística Variacionista consolidada-se a partir dos estudos de Labov, que propõe a análise da língua em contextos reais de uso, tomando como base dados empíricos provenientes da fala dos sujeitos. Essa abordagem rompe com a ideia de que existe uma única forma legítima de expressão linguística, reconhecendo que as diferentes variantes coexistem e são condicionadas por fatores sociais e situacionais. Dessa forma, as variações observadas na língua passam a ser interpretadas como manifestações naturais e sistemáticas, e não como erros a serem corrigidos.

A partir dessas contribuições teóricas, torna-se necessário refletir sobre as implicações da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no contexto escolar. Nesse sentido, destaca-se a Sociolinguística Educacional, proposta por Bortoni-Ricardo (2004), que busca estabelecer uma articulação entre os conhecimentos sociolinguísticos e as práticas pedagógicas. Para a autora, o ambiente escolar é marcado pela presença de diferentes variedades linguísticas, trazidas pelos alunos a partir de suas experiências sociais, o que exige do professor uma postura mais sensível e reflexiva diante dessa diversidade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o aluno não chega à escola sem conhecimento linguístico; ao contrário, ele já domina uma variedade funcional de sua língua, construída em seu contexto sociocultural.

Ao chegar à escola, a criança, o jovem ou o adulto já são usuários competentes de sua língua materna, mas têm que ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poder entender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 75).

Essa perspectiva reforça a ideia de que o ensino de Língua Portuguesa não deve ter caráter excludente, mas sim formativo, permitindo que o estudante compreenda e utilize diferentes formas de linguagem de acordo com as situações comunicativas.

Dessa forma, a atuação do professor é fundamental no processo de mediação entre as diferentes variedades linguísticas. Cabe a esse profissional reconhecer a legitimidade das formas de fala dos alunos, ao mesmo tempo em que promove o ensino da norma-padrão como uma ferramenta necessária para a inserção em contextos formais. Tal postura contribui para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizam a diversidade linguística e evitam a reprodução de preconceitos no ambiente escolar.

Além disso, é importante considerar que a ausência de uma abordagem sociolinguística no ensino pode contribuir para a perpetuação do preconceito linguístico, uma vez que determinadas formas de falar passam a ser estigmatizadas.

Conforme destaca Bagno (1999, p. 16):

[...] essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Nesse sentido, o ensino é frequentemente reforçado por práticas escolares que valorizam exclusivamente a norma-padrão. Sob essa ótica, a incorporação dos princípios da Sociolinguística no ensino torna-se essencial para a construção de uma educação mais democrática e igualitária.

Diante do exposto, a articulação entre a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Educacional possibilita uma compreensão mais ampla da língua e de seu ensino, ao reconhecer a diversidade linguística como um elemento constitutivo das práticas sociais. Tal abordagem contribui para o desenvolvimento de uma educação linguística mais

crítica e reflexiva, na qual o aluno é capaz de compreender a língua em sua complexidade e utilizá-la de maneira adequada às diferentes situações de comunicação.

2.2 Princípios sociolinguísticos: língua, norma, variação e preconceito linguístico

A concepção de língua adotada no contexto educacional exerce influência direta sobre as práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula, especialmente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Ao longo do tempo, consolidaram-se diferentes perspectivas teóricas acerca da natureza da linguagem, dentre as quais se destacam a visão de língua como sistema e a compreensão de língua como prática social. Essas abordagens, embora distintas, coexistem no cenário educacional e orientam, de diferentes maneiras, a atuação docente.

A concepção de língua como sistema está historicamente associada à tradição gramatical normativa, que compreende a língua como um conjunto estruturado de regras que devem ser seguidas pelos falantes. Nessa perspectiva, o ensino da língua prioriza a memorização de normas, classificações e estruturas gramaticais, tendo como principal objetivo a produção de enunciados considerados corretos de acordo com o padrão estabelecido. Tal abordagem tende a valorizar a norma-padrão como modelo ideal de linguagem, frequentemente desconsiderando a diversidade linguística presente no cotidiano dos alunos.

De acordo com Perini (1992), essa forma de ensino contribui para a construção de uma visão artificial da língua, uma vez que se distancia das práticas reais de comunicação. Para o autor, o ensino excessivamente voltado à gramática normativa não favorece o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, pois ignora a língua em uso e suas múltiplas possibilidades de realização.

Em contraposição a essa perspectiva, emerge a concepção de língua como prática social (Travaglia, 2009), que a compreende como um fenômeno dinâmico, interativo e historicamente situado. Nessa abordagem, a linguagem é entendida como instrumento de interação entre os sujeitos, sendo construída e reconstruída nas diversas situações comunicativas. Assim, a língua deixa de ser vista como um sistema fechado e passa a ser concebida como uma atividade social, marcada pela diversidade de usos e pela influência de fatores contextuais.

Segundo Antunes (2007), o ensino de Língua Portuguesa deve ultrapassar os limites da gramática normativa e considerar a linguagem em seu funcionamento real. Para a autora, ensinar língua implica promover o uso consciente e significativo da linguagem, permitindo que o aluno desenvolva habilidades de leitura, escrita e oralidade em diferentes contextos. Nessa

perspectiva, a aprendizagem não se restringe ao domínio de regras, mas envolve a capacidade de utilizar a língua de forma adequada às situações de comunicação.

Essa compreensão dialoga diretamente com os pressupostos da Sociolinguística, ao reconhecer a heterogeneidade como característica constitutiva da língua. A diversidade linguística, nesse contexto, passa a ser entendida como elemento legítimo das práticas sociais, e não como um problema a ser corrigido. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa deve considerar as diferentes variedades linguísticas presentes na sala de aula, valorizando os saberes dos alunos e promovendo a ampliação de seus repertórios linguísticos.

Nesse sentido, cabe ao professor atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem, articulando o conhecimento da norma-padrão com as práticas reais de uso da língua. Tal mediação implica reconhecer que a norma-padrão possui relevância em determinados contextos formais, mas não deve ser imposta como única forma legítima de expressão. Ao contrário, deve ser apresentada como uma possibilidade de uso, entre outras, que o aluno pode mobilizar conforme as exigências comunicativas.

A adoção da língua como prática social no ensino contribui para a construção de uma educação linguística mais inclusiva, na medida em que reconhece e valoriza a diversidade cultural e linguística dos estudantes. Além disso, favorece o desenvolvimento de uma postura crítica em relação à linguagem, permitindo que o aluno compreenda os usos sociais da língua e suas implicações nos processos de interação e construção de sentidos.

Dessa forma, a superação da visão de língua como sistema rígido em direção a uma concepção de língua como prática social representa um avanço significativo no campo da Educação Linguística. Ao aproximar o ensino da realidade dos alunos e valorizar a linguagem em uso, essa abordagem contribui para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira consciente e crítica nas diferentes práticas sociais mediadas pela língua.

A discussão acerca das noções de norma-padrão, norma culta e norma popular ocupa um lugar central nos estudos linguísticos e, especialmente, no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que tais conceitos estão diretamente relacionados às formas de uso da língua e às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar. Compreender essas categorias de maneira crítica é fundamental para evitar equívocos recorrentes, como a associação entre determinadas variedades linguísticas e ideias de erro, inferioridade ou inadequação.

Tradicionalmente, a norma-padrão tem sido compreendida como o conjunto de regras linguísticas que orientam o uso considerado formal da língua, sendo amplamente utilizada em contextos institucionais, como documentos oficiais, produções acadêmicas e meios de comunicação de maior prestígio. Trata-se, portanto, de uma variedade codificada, que serve

como referência para o ensino e para a padronização da escrita. No entanto, é importante destacar que a norma-padrão não corresponde à língua efetivamente falada pelos sujeitos em seu cotidiano, constituindo-se como um modelo idealizado, muitas vezes distante das práticas reais de uso.

Nesse sentido, Bagno (1999) critica a supervalorização da norma-padrão no ensino, apontando que essa perspectiva contribui para a deslegitimação das demais variedades linguísticas. Para o autor, “[...] não é a ‘língua’ que tem armadilhas, mas sim a gramática normativa tradicional, que as inventa precisamente para justificar sua existência e para nos convencer de que ela é indispensável” (Bagno, 1999, p. 38), o que evidencia a necessidade de compreender essa variedade como uma entre outras possibilidades de uso, e não como a única forma legítima de expressão.

Por sua vez, a norma culta refere-se ao uso da língua por falantes que possuem maior grau de escolarização, especialmente em situações de comunicação formal. Diferentemente da norma-padrão, que é uma construção normativa e prescritiva, a norma culta está relacionada ao uso real da língua por determinados grupos sociais. Nesse sentido, ela não é homogênea, podendo apresentar variações conforme o contexto, a região e os interlocutores envolvidos na interação. Como destaca Bortoni-Ricardo (2004), a norma culta deve ser compreendida como uma variedade de prestígio, mas que também está sujeita às dinâmicas da variação linguística.

Já a chamada norma popular (Bagno, 1999), diz respeito às variedades linguísticas utilizadas por grupos sociais diversos, especialmente aqueles que não tiveram amplo acesso à escolarização formal. Essas formas de falar, muitas vezes estigmatizadas no contexto social, são frequentemente associadas à ideia de erro ou inadequação, o que revela um forte componente ideológico na avaliação das práticas linguísticas. No entanto, sob a perspectiva da Sociolinguística, tais variedades são plenamente legítimas, uma vez que possuem regras próprias e cumprem de maneira eficaz sua função comunicativa.

De acordo com Labov (2008), todas as variedades linguísticas apresentam organização sistemática, sendo regidas por regras que podem ser descritas e analisadas. Nesse sentido, não há fundamento linguístico para considerar uma variedade superior a outra, uma vez que todas atendem às necessidades comunicativas de seus falantes. O que existe, na verdade, é uma hierarquização social das formas de falar, que atribui maior prestígio a determinadas variedades em detrimento de outras.

Essa hierarquização se reflete diretamente no ambiente escolar, onde, muitas vezes, a norma-padrão é apresentada como a única forma correta de uso da língua. Tal abordagem pode contribuir para a desvalorização das variedades trazidas pelos alunos, gerando insegurança

linguística e dificultando o processo de aprendizagem. Conforme argumenta Perini (1992), o ensino de Língua Portuguesa deve evitar a imposição de modelos rígidos, buscando promover a reflexão sobre os usos da língua em diferentes contextos.

Diante desse cenário, torna-se fundamental que o ensino de Língua Portuguesa adote uma abordagem que reconheça a coexistência dessas diferentes normas, compreendendo suas funções e contextos de uso. A norma-padrão deve ser ensinada como uma ferramenta necessária para determinadas situações formais, enquanto as demais variedades devem ser valorizadas como expressões legítimas da identidade linguística dos alunos.

Nesse sentido, cabe ao professor desenvolver práticas pedagógicas que promovam a consciência linguística dos estudantes, possibilitando que eles compreendam quando e por que utilizar determinadas variedades. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa, permitindo que o aluno transite entre diferentes formas de uso da língua de maneira adequada e consciente.

Dessa forma, a compreensão das noções de norma-padrão, norma culta e norma popular, sob uma perspectiva crítica, constitui um elemento essencial para a construção de uma educação linguística mais inclusiva e democrática. Ao reconhecer a diversidade linguística e evitar a hierarquização das formas de falar, o ensino de Língua Portuguesa pode contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes, capazes de utilizar a linguagem de forma reflexiva e adequada às diferentes práticas sociais.

Feitas essas considerações acerca da noção de norma, é imprescindível uma discussão sobre a abordagem da variação linguística no contexto escolar, que constitui um dos principais desafios do ensino de Língua Portuguesa na contemporaneidade, especialmente diante da necessidade de superar práticas tradicionais que ainda privilegiam uma visão homogênea e normativa da língua. Considerando que a linguagem é, por natureza, heterogênea e socialmente condicionada, é fundamental que o ensino esteja pautado em princípios que reconheçam e valorizem essa diversidade, promovendo uma educação linguística mais inclusiva e significativa.

Nesse sentido, um dos princípios fundamentais refere-se ao reconhecimento da variação linguística como característica constitutiva da língua. Conforme os pressupostos da Sociolinguística, não existe uma única forma legítima de uso linguístico, mas sim diferentes variantes que se organizam de acordo com fatores sociais, culturais e situacionais. Para Labov (2008), a variação não é um fenômeno aleatório, mas sistemático e regular, o que reforça a ideia de que as diferenças linguísticas devem ser compreendidas como parte do funcionamento

natural da língua. Assim, o ensino não deve tratar a variação como erro, mas como objeto de reflexão e aprendizagem.

Outro princípio relevante diz respeito à valorização dos saberes linguísticos dos alunos. Ao ingressarem na escola, os estudantes já dominam uma variedade linguística plenamente funcional em seus contextos de interação. Nesse sentido, desconsiderar essas formas de expressão implica deslegitimar suas identidades sociais e culturais. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 74), “o aluno não chega à escola sem saber falar; ele já possui uma competência linguística que precisa ser reconhecida e ampliada”. Dessa forma, o ensino deve partir das experiências linguísticas dos alunos, promovendo a ampliação de seus repertórios sem impor a substituição de sua variedade de origem.

Além disso, destacamos como princípio a necessidade de articulação entre as diferentes variedades linguísticas e a norma-padrão. Nesse contexto, o ensino da norma-padrão não deve ser abandonado, mas ressignificado, sendo apresentado como uma variedade de prestígio social, utilizada em contextos formais e institucionais. Conforme argumenta Bagno (1999), o problema não está no ensino da norma-padrão em si, mas na forma como ela é apresentada, frequentemente associada a uma ideia de superioridade em relação às demais variedades. Para o autor, é fundamental que o ensino promova uma visão crítica da língua, evitando a hierarquização das formas de falar.

Outro aspecto importante refere-se ao combate ao preconceito linguístico no ambiente escolar. A escola, enquanto espaço de formação social, desempenha um papel essencial na construção de atitudes em relação à linguagem. Quando práticas pedagógicas reforçam a ideia de que determinadas formas de falar são “erradas” ou “inferiores”, contribuem para a reprodução de desigualdades sociais.

Ademais, é necessário que o ensino da variação linguística esteja associado ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Isso implica possibilitar que os estudantes compreendam as diferentes situações de uso da língua e sejam capazes de adequar sua linguagem conforme o contexto. De acordo com Antunes (2007), o ensino de Língua Portuguesa deve priorizar o uso da linguagem em práticas sociais reais, favorecendo a construção de sentidos e a interação entre os sujeitos. Nesse sentido, trabalhar com a variação linguística contribui para que o aluno desenvolva uma postura mais consciente e reflexiva em relação à linguagem.

Assim, destacamos a importância da formação do professor para a efetivação desses princípios. A compreensão da língua como fenômeno social e heterogêneo exige do docente uma postura crítica e reflexiva, fundamentada em conhecimentos teóricos consistentes. O

professor deve estar preparado para lidar com a diversidade linguística presente em sala de aula, adotando práticas pedagógicas que valorizem essa diversidade e promovam uma educação mais democrática.

Dessa forma, a incorporação dos princípios da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa representa um avanço significativo na construção de práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade dos alunos. Ao reconhecer a pluralidade da língua e promover o respeito às diferentes formas de expressão, a escola contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender a linguagem em sua complexidade e de utilizá-la de maneira adequada às diversas situações comunicativas. Essa é uma postura sociolinguística de enfrentamento ao preconceito linguístico.

Tendo feito essas considerações sobre a variação linguística na sala de aula, cabe-nos refletir sobre o preconceito e seus efeitos. O preconceito linguístico configura-se como uma das formas mais recorrentes e, muitas vezes, naturalizadas de discriminação presentes na sociedade brasileira, manifestando-se de maneira significativa no contexto escolar. Tal fenômeno está diretamente relacionado à valorização excessiva de determinadas variedades linguísticas, especialmente a norma-padrão, em detrimento de outras formas de uso da língua, o que contribui para a construção de hierarquias entre os falantes e para a exclusão de grupos sociais.

De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico é um reflexo das desigualdades sociais historicamente construídas, sendo utilizado como instrumento de estigmatização de indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais. Para o autor,

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, da sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (Bagno, 1999, p. 15).

Isso desconsidera a diversidade linguística como característica inerente às línguas naturais. Essa visão contribui para a associação entre formas de falar e juízos de valor, atribuindo prestígio a algumas variedades e inferiorizando outras.

No ambiente escolar, esse tipo de preconceito pode se manifestar de diversas maneiras, seja por meio da correção excessiva da fala dos alunos, da desvalorização de suas formas de expressão ou da imposição da norma-padrão como única forma legítima de uso da língua. Tais práticas podem gerar impactos negativos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que afetam a autoestima dos estudantes e dificultam sua participação nas atividades escolares. Nesse

sentido, a escola, que deveria ser um espaço de acolhimento e valorização da diversidade, acaba, por vezes, reproduzindo mecanismos de exclusão.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o aluno que tem sua variedade linguística desvalorizada tende a desenvolver insegurança em relação ao uso da língua, o que pode comprometer seu desempenho escolar. A autora destaca que, “[...] quando a escola rejeita a forma de falar do aluno, rejeita também sua identidade social” (Bortoni-Ricardo, 2004), evidenciando que o preconceito linguístico vai além da linguagem, atingindo aspectos fundamentais da constituição do sujeito.

Além disso, é importante considerar que o preconceito linguístico não se sustenta em fundamentos científicos, mas em construções sociais e ideológicas. Conforme aponta Labov (2008), todas as variedades linguísticas são sistemáticas e organizadas, possuindo regras próprias que garantem sua funcionalidade comunicativa. Dessa forma, não há justificativa linguística para considerar uma variedade superior a outra, sendo a valorização de determinadas formas de falar resultado de relações de poder e prestígio social.

Diante desse cenário, é fundamental que o ensino de Língua Portuguesa incorpore uma abordagem crítica em relação à linguagem, promovendo a reflexão sobre os usos sociais da língua e suas implicações. Isso implica reconhecer a diversidade linguística como um valor, e não como um problema, e desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para o respeito às diferentes formas de expressão.

Nesse sentido, o papel do professor é essencial no enfrentamento do preconceito linguístico no contexto escolar. Cabe a esse profissional adotar uma postura reflexiva e fundamentada teoricamente, que lhe permita mediar as diferentes variedades linguísticas presentes na sala de aula de maneira equilibrada. Isso significa ensinar a norma-padrão como uma ferramenta necessária para determinados contextos, sem, contudo, deslegitimar as variedades trazidas pelos alunos.

Como ressalta Antunes (2007), o ensino de Língua Portuguesa deve estar comprometido com a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender a linguagem em sua dimensão social e de questionar práticas discriminatórias. Nesse sentido, trabalhar com o preconceito linguístico em sala de aula não se limita à correção de usos linguísticos, mas envolve a promoção de uma consciência crítica sobre as relações entre língua, poder e sociedade.

Ademais, o combate ao preconceito linguístico no ambiente escolar contribui para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva, na medida em que reconhece e valoriza a diversidade cultural e linguística dos estudantes. Ao promover o respeito às diferentes

formas de falar, a escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a igualdade social.

Dessa forma, compreender e enfrentar o preconceito linguístico no contexto escolar constitui um passo essencial para a ressignificação do ensino de Língua Portuguesa. Ao adotar uma postura que valorize a diversidade linguística e promova a reflexão crítica, a escola contribui para a construção de práticas pedagógicas mais justas, que respeitam as identidades dos alunos e favorecem uma aprendizagem mais significativa.

Feita essa discussão teórica em torno da sociolinguística, na seção a seguir mostraremos como se deu os nossos procedimentos metodológicos para a realização deste estudo.

3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

3.1 Contexto da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de São Bernardo, localizado no estado do Maranhão, tendo como campo de investigação o Centro de Ensino Doutor Henrique Couto, escola da rede pública estadual. A escolha da instituição ocorreu em razão da acessibilidade da pesquisadora ao campo de pesquisa, considerando o conhecimento prévio da realidade escolar adquirido durante a realização do Estágio Supervisionado, experiência que possibilitou maior aproximação com o contexto investigado e favoreceu o desenvolvimento da pesquisa.

A geração dos dados ocorreu no mês de maio de 2026, por meio da realização de entrevistas com professores de Língua Portuguesa atuantes na instituição. A escolha desse contexto se justifica pela relevância de compreender as concepções desses profissionais acerca da variação linguística e de analisar como tais concepções podem influenciar suas práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa.

Por tratar-se de uma pesquisa voltada à compreensão das concepções docentes, optamos pela utilização da entrevista como principal instrumento de geração de dados, por possibilitar aos participantes exporem suas percepções, experiências e entendimentos sobre o fenômeno investigado. Desse modo, o contexto escolhido mostrou-se adequado aos objetivos da pesquisa, permitindo a obtenção de informações que subsidiaram as análises desenvolvidas ao longo deste estudo.

3.2 Classificação da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida no campo da Linguística, com enfoque na Sociolinguística Educacional, por investigar as concepções de professores de Língua Portuguesa acerca da variação linguística no contexto escolar. Para alcançar os objetivos propostos, optamos por uma pesquisa de caráter descritivo, desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, por possibilitar a compreensão das percepções e dos significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno investigado.

Segundo Oliveira (2011), a pesquisa descritiva permite ao pesquisador observar, descrever e interpretar a realidade estudada, favorecendo uma compreensão mais aprofundada do objeto de investigação. Nesse sentido, essa abordagem mostrou adequada aos objetivos desta

pesquisa, uma vez que possibilitou analisar as concepções dos professores sobre a variação linguística a partir das respostas obtidas nas entrevistas.

A opção pela abordagem qualitativa se justifica pelo fato de que esta pesquisa buscou compreender os discursos e as percepções dos participantes, sem a preocupação de produzir resultados estatísticos. Conforme Oliveira (2011), a pesquisa qualitativa voltou para a compreensão e a interpretação dos fenômenos humanos e sociais, permitindo ao pesquisador analisar os significados presentes nas experiências relatadas pelos sujeitos. Dessa forma, a análise centrou na interpretação das respostas fornecidas pelos professores, procurando estabelecer relações entre seus posicionamentos e as discussões apresentadas no referencial teórico.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa envolveu a pesquisa de campo ao possibilitar a geração dos dados por meio da realização de entrevistas estruturadas com os professores participantes, constituindo a principal fonte de informações para as análises desenvolvidas neste estudo.

3.3 Campo de investigação

O campo de investigação desta pesquisa foi o Centro de Ensino Doutor Henrique Couto, instituição pertencente à rede pública estadual de ensino, localizada no município de São Bernardo, Maranhão. A escola oferece a modalidade de Ensino Médio regular, atendendo estudantes do 1º ao 3º ano, com duas turmas em cada série, totalizando seis turmas. Suas atividades são desenvolvidas nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo estudantes de diferentes perfis e contribuindo para a formação educacional dos jovens do município.

A escolha da instituição ocorreu em razão de sua adequação aos objetivos da pesquisa e da possibilidade de acesso ao campo investigado, considerando o vínculo estabelecido pela pesquisadora durante a realização do Estágio Supervisionado. Esse contato prévio possibilitou um melhor conhecimento da dinâmica escolar, favorecendo o desenvolvimento da investigação.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em apenas uma instituição, o contexto investigado mostrou-se pertinente para a compreensão das concepções de professores de Língua Portuguesa acerca da variação linguística, uma vez que permitiu a geração de dados diretamente com docentes que atuam no Ensino Médio da rede pública estadual.

3.4 Interlocutores

Os interlocutores desta pesquisa foram dois professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio do Centro de Ensino Doutor Henrique Couto, localizado no município de São Bernardo, Maranhão. Ao longo deste trabalho, os participantes foram identificados como P1 e P2, com a finalidade de preservar suas identidades e garantir o sigilo das informações fornecidas.

Inicialmente, pretendíamos realizar a pesquisa com quatro docentes da instituição. Entretanto, considerando que a participação era voluntária e dependia da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apenas dois professores manifestaram interesse em participar da pesquisa e autorizaram a utilização de suas respostas para fins acadêmicos.

Os participantes são licenciados em Letras – Língua Portuguesa e atuam como docentes da disciplina na instituição investigada. A escolha desses professores ocorreu em razão de sua atuação direta no ensino de Língua Portuguesa, aspecto considerado fundamental para atender aos objetivos da pesquisa, que consistem em compreender suas concepções acerca da variação linguística e analisar como essas concepções se relacionam com o contexto escolar.

Em respeito aos princípios éticos da pesquisa, a identidade dos participantes foi preservada durante todas as etapas do estudo. Dessa forma, as análises apresentadas neste trabalho fazem referência aos professores apenas pelas identificações P1 e P2, assegurando o anonimato e a confidencialidade das informações compartilhadas.

3.5 Procedimentos técnicos de geração de dados

A geração dos dados desta pesquisa ocorreu por meio da realização de entrevistas estruturadas com os professores participantes, conforme o roteiro que consta no Apêndice A deste trabalho. A escolha desse instrumento se justifica pela possibilidade de compreender as concepções dos docentes acerca da variação linguística, permitindo que os participantes expressassem suas opiniões, experiências e percepções sobre o tema de forma mais livre, sem deixar de atender aos objetivos da investigação.

As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2026, nas dependências do Centro de Ensino Doutor Henrique Couto, em momento previamente acordado com os participantes, de modo a não interferir em suas atividades profissionais. Para orientar a conversa, foi utilizado um roteiro composto por perguntas previamente elaboradas, contemplando aspectos relacionados às concepções de língua, de variação linguística e às práticas pedagógicas voltadas ao ensino de Língua Portuguesa.

Antes da realização das entrevistas, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados e a garantia de sigilo das informações fornecidas. Após esses esclarecimentos, aqueles que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando voluntariamente sua participação no estudo.

As respostas obtidas durante as entrevistas constituíram a principal fonte de geração dos dados desta pesquisa, servindo de base para as análises apresentadas no capítulo seguinte.

3.6 Procedimentos técnicos de análise de dados

Após a realização das entrevistas, os áudios foram transcritos integralmente, preservando o conteúdo das respostas fornecidas pelos participantes. As transcrições constituíram o corpus de análise desta pesquisa e possibilitaram uma leitura mais detalhada das concepções apresentadas pelos docentes acerca da variação linguística.

Em seguida, os dados foram organizados em quadros, elaborados de acordo com as perguntas que compuseram o roteiro da entrevista. Essa organização permitiu identificar aproximações, diferenças e aspectos recorrentes nas respostas dos participantes, favorecendo uma análise mais sistemática dos dados produzidos.

A interpretação dos dados foi realizada à luz do referencial teórico adotado neste estudo, estabelecendo relações entre as respostas dos professores e as discussões sobre Sociolinguística, variação linguística e ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, buscamos compreender como as concepções dos participantes se articulam às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, possibilitando responder aos objetivos propostos pela pesquisa.

4 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Esta seção apresenta e discute os resultados obtidos na pesquisa, com base nas entrevistas realizadas com os professores de Língua Portuguesa participantes do estudo. As análises foram desenvolvidas à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e dos referenciais teóricos que fundamentam esta investigação, buscando compreender as concepções dos docentes acerca da língua, da norma e da variação linguística, bem como identificar de que maneira essas concepções se refletem em suas práticas pedagógicas.

Para uma melhor organização da discussão, a seção está estruturada em quatro seções: inicialmente, são analisadas as concepções de língua, norma e variação; em seguida, discutimos as práticas pedagógicas relacionadas ao tratamento da variação linguística; posteriormente, abordamos a percepção dos professores sobre a importância do ensino da variação linguística; e, por fim, analisamos a relação entre as concepções de língua dos docentes e suas práticas de ensino.

4.1 Concepções de língua, norma e variação

Quadro 1 – Respostas à pergunta: como você compreende o conceito de língua?

Participantes	Respostas
P1	<i>Língua é toda manifestação de comunicação em que há entendimento, por parte de quem fala e de quem escuta.</i>
P2	<i>Língua é o que torna e o que permite, por exemplo uma comunidade comum Brasil né, todo mundo fala a mesma língua, língua é o que permite que a gente se entenda, pode se dizer assim né. Porque é o padrão dos documentos, é o que unifica a comunicação de um determinado lugar, é a língua diferente da fala, ela é única.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Como podemos perceber nas respostas apresentadas no Quadro 1, elas revelam que ambos os participantes concebem a língua, inicialmente, como um instrumento que possibilita a comunicação entre os indivíduos. No entanto, ao analisarmos suas falas de maneira mais aprofundada, percebemos que elas evidenciam diferentes compreensões acerca da natureza da língua, aproximando, em alguns aspectos, de perspectivas distintas sobre seu funcionamento e sua função social.

A resposta de P1 mostra uma concepção de língua centrada em sua função comunicativa, ao definir como uma manifestação que permite o entendimento entre quem fala e quem escuta. Embora o participante não faça referência explícita aos aspectos sociais da linguagem, sua resposta demonstra compreender que a língua somente cumpre sua função quando possibilita a construção de sentidos entre os interlocutores. Sendo assim, trata, portanto, de uma visão que privilegia a comunicação como principal finalidade da língua.

Já a resposta de P2 amplia essa compreensão ao relacionar a língua à construção de uma comunidade linguística, destacando seu papel na unificação da comunicação entre os falantes de um mesmo país. Entretanto, ao afirmar que a língua é “única”, em oposição à fala, o participante aproxima-se de uma concepção mais homogênea da linguagem, atribuindo à língua um caráter uniforme e estável. Essa perspectiva evidencia uma compreensão fortemente influenciada pela distinção entre língua e fala, sem considerar de forma explícita a heterogeneidade que caracteriza os usos linguísticos nas diferentes comunidades de fala.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, podemos perceber que ambos os participantes associam a língua, prioritariamente, à sua função comunicativa. Contudo, verificamos que nenhum deles enfatiza, de maneira explícita, a língua como prática social de interação, aspecto defendido por abordagens contemporâneas da Linguística e da Sociolinguística. Enquanto P1 concentra sua definição na possibilidade de compreensão entre os interlocutores, P2 acrescenta elementos relacionados à padronização e à unidade da língua, revelando uma concepção mais próxima de uma perspectiva normativa.

Essas compreensões dialogam com Travaglia (2009), que distingue diferentes concepções de língua, entre elas a língua como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação. As respostas dos participantes aproximam, sobretudo, da concepção de língua como instrumento de comunicação, uma vez que privilegiam sua função de transmitir informações e possibilitar o entendimento entre os falantes. Entretanto, ao compreender a língua como uma prática social, Travaglia (2009) ressalta que ela ultrapassa a simples transmissão de mensagens, constituindo como um meio de interação entre os sujeitos.

Nessa mesma perspectiva, Antunes (2007) defende que a língua deve ser compreendida em seu uso social, considerando os diferentes contextos em que os falantes constroem sentidos e estabelecem relações. Ainda sobre esse aspecto, Travaglia (2009, p. 22) assevera que “O sistema linguístico é percebido como um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta. A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal.”

Dessa forma, podemos concluir que as respostas evidenciam uma predominância da concepção de língua como instrumento de comunicação. Embora os participantes reconheçam sua importância para o entendimento entre os falantes, suas respostas ainda apresentam poucos elementos relacionados à compreensão da língua como prática social, dinâmica e heterogênea, perspectiva amplamente defendida pelos estudos sociolinguísticos.

Quadro 2 – Respostas à pergunta: o que você entende por norma-padrão, norma culta e norma popular?

Participantes	Respostas
P1	<i>A língua ela apresenta variações, e essas variações elas são diversas. Dentre essas variações nós temos a língua padrão, que é a língua que descreve a forma mais adequada de a língua ser representada. Isso tanto por escrito ou falada, né? A norma culta seria a fala mais adequada né, a fala mais coerente, uma fala mais lapidada, com uma boa concordância verbal, quer dizer, há uma preocupação com essa linguagem, uma adequação maior em se falar de forma mais justa, de acordo com a norma-padrão. A língua informal, ela também tem sua validade, porém ela é uma linguagem desprovida do cuidado né, com concordância, muitas vezes né, então a língua informal ela é no geral a mais utilizada, mas é preciso que se tenha em alguns contextos né, a presença mais adequada da língua culta da língua padrão.</i>
P2	<i>A padrão é o normativo né, a norma que as gramáticas pregam, as que os professores mais tradicionais presentes se apegam muito. Já a popular é a fala do dia a dia, a fala que varia de lugar pra lugar, é a que varia de acordo com o grau de conhecimento, escolaridade, com a idade enfim. Vai em vários fatores.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

As respostas no Quadro 2 revelam que ambos os participantes reconhecem a existência de diferentes normas linguísticas e demonstram compreender que elas desempenham funções distintas nos diversos contextos de uso da língua. Entretanto, a forma como caracterizam a norma-padrão, a norma culta e a norma popular evidenciam concepções diferentes acerca da relação entre essas variedades e do papel que cada uma ocupa na sociedade e no ensino de Língua Portuguesa.

A resposta de P1 evidencia uma compreensão que distingue as três modalidades linguísticas, atribuindo à norma-padrão um caráter de referência para os usos considerados mais adequados da língua, tanto na modalidade escrita quanto na oral. Ao caracterizar a norma culta como uma fala mais “lapidada”, associada ao domínio das regras gramaticais e à preocupação com a adequação linguística, a participante aproxima essa variedade da norma-padrão, estabelecendo uma relação de maior prestígio entre ambas. Em contrapartida, embora reconheça a legitimidade da norma popular, sua caracterização como uma linguagem “desprovida de cuidado” revela que essa variedade ainda é compreendida a partir de uma perspectiva hierarquizada, na qual determinadas formas de uso da língua são consideradas mais valorizadas do que outras.

A resposta de P2 apresenta uma perspectiva distinta ao definir a norma-padrão como o modelo normativo estabelecido pelas gramáticas e tradicionalmente valorizado no ensino escolar. Diferentemente de P1, o participante direciona sua atenção para a norma popular, ressaltando que ela sofre influência de fatores como região, escolaridade, idade e contexto social. Essa compreensão evidencia o reconhecimento da diversidade linguística como resultado das diferentes experiências sociais dos falantes, aproximando-se de uma concepção que considera a língua como um fenômeno heterogêneo e em constante variação. Embora não apresente uma definição específica para a norma culta, sua resposta demonstra compreender que as diferentes formas de uso da língua são condicionadas pelas características dos grupos sociais e pelas situações de comunicação.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes reconhecem a coexistência de diferentes normas linguísticas e a importância da norma-padrão no contexto escolar. Entretanto, as falas revelam diferenças significativas quanto à forma de compreender essa diversidade. Enquanto P1 estabelece uma relação mais hierarquizada entre as variedades, aproximando a norma-padrão e a norma culta de um modelo considerado mais adequado, P2 enfatiza os fatores sociais que explicam a existência das diferentes formas de falar, evidenciando uma compreensão mais próxima da perspectiva sociolinguística.

Essas compreensões dialogam com os estudos de Bagno (2007), que critica a ideia de superioridade de uma variedade linguística sobre as demais e defende o reconhecimento da heterogeneidade como característica constitutiva da língua.

Dessa forma, as respostas evidenciam que os participantes reconhecem a existência de diferentes normas linguísticas, embora suas concepções revelem níveis distintos de aproximação com os pressupostos da Sociolinguística. Enquanto P1 ainda demonstra uma tendência à hierarquização das variedades, P2 evidencia uma compreensão mais voltada para a diversidade dos usos da língua, reconhecendo que as diferentes formas de falar resultam das múltiplas experiências sociais dos falantes.

Quadro 3 – Respostas à pergunta: como você compreende o fenômeno da variação linguística e sua presença no cotidiano escolar?

Participantes	Respostas
P1	<i>Esse fenômeno ele é normal né, toda língua tem variações e todas as variações têm a sua eficácia né, todas elas são válidas. Agora é necessário que todas essas variações elas sejam entendidas como variações que podem ser adequadas a contexto de falas específicas. E na escola essas variações elas precisam, ser entendidas como identidades né, das pessoas.</i> <i>A variação linguística ele leva pra esse lado da identidade cultural do aluno, que deve ser valorizado com certeza, evitar preconceito né, uma vez que você evita o preconceito né, trazendo informações consistentes sobre a validade dessas variações ao mesmo tempo eu tenho que mostrar que a escola ela tem uma variação, que é o que nós devemos fazer na sala de aula, que é ensinar a norma-padrão né, pra essa norma-padrão ela termina sendo o fator principal da inclusão das pessoas que no geral, elas conhecem as outras variedades, falam outras variedades, mas pra inclusão social a normal padrão é de suma importância.</i>
P2	<i>A variação ela existe exatamente por causa desses diversos fatores. Existe variação regional, histórica, contextual, porque em uma entrevista de emprego, eu falo de um jeito, com minha família eu falo de outro enfim. É a fala nas suas diversas possibilidades de se concretizar.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

As respostas apresentadas no Quadro 3 revelam que ambos os participantes compreendem a variação linguística como um fenômeno inerente à língua e reconhecem sua presença nos diferentes contextos de interação social. No entanto, ao analisarmos suas falas de maneira mais aprofundada, percebemos que elas evidenciam diferentes compreensões acerca desse fenômeno e de sua relação com o contexto escolar.

A resposta de P1 evidencia uma compreensão ampla da variação linguística ao reconhecer que todas as línguas apresentam variações e que todas elas são legítimas. Além disso, o participante relaciona a variação linguística à identidade cultural dos falantes, defendendo a valorização das diferentes formas de falar e a necessidade de combater o preconceito linguístico no ambiente escolar. Entretanto, ao afirmar que a norma-padrão deve ocupar posição central no ensino por favorecer a inclusão social, sua resposta demonstra uma tentativa de conciliar o reconhecimento da diversidade linguística com a valorização da variedade socialmente prestigiada.

Já a resposta de P2 revela uma compreensão voltada para os fatores que condicionam a variação linguística. Ao mencionar as variações regional, histórica e contextual, além de exemplificar diferentes situações comunicativas, o participante demonstra compreender que a língua se modifica conforme o contexto de uso e os interlocutores. Sua resposta evidencia que os falantes mobilizam diferentes variedades linguísticas de acordo com as exigências de cada situação de interação, ressaltando o caráter dinâmico da linguagem.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes reconhecem a variação linguística como uma característica constitutiva da língua e compreendem que ela está relacionada aos diferentes contextos sociais e comunicativos. Entretanto, observa-se uma diferença na forma como esse fenômeno é enfatizado. Enquanto P1 destaca a valorização das identidades linguísticas e a função social da norma-padrão como instrumento de inclusão, P2 concentra sua argumentação nos fatores que influenciam os usos da língua e na adequação linguística às diferentes situações de comunicação. Essas perspectivas, embora distintas, complementam-se ao evidenciarem que a diversidade linguística faz parte do funcionamento natural da língua.

Essas compreensões dialogam com Antunes (2007), que defende a língua como uma prática social, construída nas interações entre os sujeitos e marcada pelos diferentes contextos de uso. Para a autora, a língua deve ser compreendida em sua dinâmica de funcionamento, considerando as múltiplas situações comunicativas em que os falantes constroem sentidos e estabelecem relações sociais, o que reforça a legitimidade da diversidade linguística presente na sociedade.

Dessa forma, as respostas evidenciam que ambos os participantes compreendem a variação linguística como um fenômeno natural e constitutivo da língua, reconhecendo sua importância para o ensino de Língua Portuguesa. Contudo, também revelam diferentes formas de compreender a relação entre diversidade linguística e norma-padrão, demonstrando que, embora suas concepções se aproximem dos pressupostos da Sociolinguística, a variedade de prestígio continua ocupando posição de destaque em suas concepções docentes.

Quadro 4 – Respostas à pergunta: você acredita que existe uma única forma correta de falar ou escrever? Justifique.

Participantes	Respostas
P1	<i>Não, de escrever sim, de falar não, por que falar você vai fazer adequações que você achar cabível né? Agora escrever é preciso lembrar que quando eu escrevo eu tenho que levar em consideração a norma culta né? Pois a escrita eu posso até fazer o uso de uma linguagem informal por escrito, mas eu tenho que fazer um destaque pra esse tipo, eu tenho que sinalizar né pro meu leitor que essa linguagem está sendo utilizada dentro de um texto, uma produção, com um objetivo, né?</i>
P2	<i>Totalmente não, é que nem você vestir uma roupa própria pra ir num clube, e pra ir tomar banho de piscina, você vai com a roupa que se enquadra, e sim, é questão de adequação. Não existe erros, na verdade, é um conceito que os linguísticos derrubaram né, é preconceituoso dizer que você fala correto ou fala errado, você está falando adequadamente aquele determinado contexto, que é diferente de outro contexto.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

As respostas apresentadas no Quadro 4 revelam que ambos os participantes rejeitam a ideia de que exista uma única forma correta de falar, demonstrando compreender que os usos da língua variam conforme as diferentes situações de comunicação. No entanto, ao analisarmos suas falas de maneira mais aprofundada, percebemos que elas evidenciam diferentes compreensões acerca da relação entre adequação linguística, norma-padrão e os usos da língua na oralidade e na escrita.

A resposta de P1 evidencia uma distinção entre os usos da língua na oralidade e na escrita. Ao afirmar que a fala admite adequações de acordo com o contexto, o participante reconhece a flexibilidade característica da modalidade oral e a legitimidade das diferentes formas de expressão utilizadas pelos falantes. No entanto, ao defender que a escrita deve seguir a norma culta, admitindo o uso da linguagem informal apenas em situações específicas e intencionais, sua resposta revela uma compreensão de que a modalidade escrita exige maior conformidade às convenções da língua. Essa perspectiva demonstra que, embora reconheça a diversidade dos usos linguísticos, o participante ainda atribui à norma-padrão um papel central na produção escrita.

Já a resposta de P2 apresenta uma compreensão mais explícita do princípio da adequação linguística. Ao comparar o uso da língua à escolha da roupa adequada para diferentes ocasiões, o participante evidencia que as variedades linguísticas devem ser utilizadas conforme as exigências de cada contexto social. Além disso, ao afirmar que não existem formas "certas" ou "erradas" de falar, mas usos mais ou menos adequados às diferentes situações de interação, demonstra afastar-se de uma perspectiva estritamente normativa e reconhecer que a avaliação das práticas linguísticas depende das circunstâncias em que elas ocorrem.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes reconhecem que o uso da língua deve ser compreendido a partir dos diferentes contextos de interação. Entretanto, observa-se uma diferença na forma como cada participante compreende o papel da norma-padrão. Enquanto P1 atribui maior centralidade à norma-padrão, especialmente na modalidade escrita, P2 enfatiza a adequação linguística como princípio orientador dos diferentes usos da língua. Apesar dessas diferenças, ambos demonstram compreender que as escolhas linguísticas dependem das situações comunicativas, reforçando a importância de um ensino que concilie o domínio da variedade de prestígio com o respeito à diversidade linguística.

Essas compreensões dialogam com Faraco (2008), que defende que a norma-padrão deve ser compreendida como uma referência para determinadas situações formais de uso da língua, e não como a única forma legítima de expressão. Para o autor, o ensino de Língua Portuguesa deve possibilitar ao estudante compreender que os diferentes usos linguísticos são determinados pelas situações de comunicação e que a adequação linguística constitui um princípio fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa, sem desvalorizar as demais variedades da língua.

Dessa forma, as respostas evidenciam que ambos os participantes reconhecem a importância da adequação linguística e compreendem que os usos da língua variam conforme os diferentes contextos de interação. Contudo, também revelam diferentes perspectivas acerca do papel da norma-padrão, demonstrando que, embora valorizem a diversidade linguística, essa variedade continua ocupando posição de destaque em suas concepções sobre o ensino de Língua Portuguesa.

4.2 Práticas pedagógicas no tratamento da variação

Quadro 5 – Respostas à pergunta: de que forma a variação linguística é abordada em suas aulas?

Participantes	Respostas
P1	<i>Bom, eu valorizo a fala do aluno né, principalmente pela questão da identidade cultural dele, e evito ao máximo a questão do preconceito né, criar o preconceito com a linguagem do aluno. Eu creio que nós precisamos nos conscientizar que a linguagem de forma geral, ela uma vez que ele comunica, ela é válida. Mas se falando de escola, da sala de aula, eu preciso sempre focalizar o ensino de norma-padrão, porque norma-padrão, é o que leva realmente a inclusão social, então assim, na sala de aula eu procuro valorizar toda fala do aluno independente né, de como ele chega à escola, como ele usa essa linguagem, mas aí é sempre colocada a norma-padrão né, é dito mais uma variedade da linguagem prestigiada, no sentido de que ela que realmente inclui.</i>
P2	<i>Na primeira série ela é conteúdo programático, mesmo no currículo. Então a gente costuma trabalhar isso. Eu gosto muito de trazer documentário porque como a gente consegue ter acesso a essa variação linguística no sentido de sotaque, das expressões regionais, é interessante porque a gente às vezes não tem essa consciência de que também carrega um sotaque, uma língua, que independente de onde esteja se é forte se não é, se ele não é tão evidente assim. E aí os alunos acabam percebendo na prática no sentido de perceber, ouvir aquele nativo, daquela fala específica. E eu acho que só o documentário que traz isso, aí a gente costuma trabalhar essa reprodução de documentário e um trabalho a partir disso né. A gente guia para que eles façam essas perguntas e respondem se há sobre o certo ou o errado, que eles percebam a variação e tragam um exemplo do que eles escolheram ali na própria vítima. Eu também costumo trabalhar com as gírias e as expressões próprias da região que eles também vivem, e é interessante que eles acabem trazendo coisas que eu não conheço que seja do jovial, porque é o que ta sendo dito ali na moda ou seja a expressão que é própria daqui do jeito de se falar daqui. Enfim aí é algo que eles conseguem perceber muito na prática.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 5, percebemos que ambos os participantes demonstram compreender a importância de abordar a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, as respostas destacam diferentes formas de concretizar esse trabalho em sala de aula, revelando concepções distintas acerca da relação entre o reconhecimento da diversidade linguística e o ensino da norma-padrão.

Ao analisarmos a resposta de P1, observamos que o participante demonstra uma preocupação constante em valorizar as formas de expressão trazidas pelos estudantes, reconhecendo como parte de sua identidade cultural. Ao afirmar que toda linguagem é válida quando cumpre sua função comunicativa, evidencia uma compreensão de que a escola deve acolher a diversidade linguística presente na sala de aula, evitando práticas que reforcem o preconceito linguístico. Entretanto, sua fala também revela que atribui à norma-padrão um papel central no processo educativo, ao considerá-la um instrumento de inclusão social. Percebemos, assim, uma tentativa de equilibrar o respeito às variedades linguísticas com a responsabilidade da escola de proporcionar aos estudantes o acesso à variedade socialmente prestigiada.

Na resposta de P2, percebemos que o participante procura desenvolver o ensino da variação linguística por meio de experiências que aproximam os estudantes das diferentes manifestações da língua. A utilização de documentários, a exploração de sotaques, expressões regionais e gírias, bem como a valorização dos conhecimentos trazidos pelos próprios alunos, demonstram uma preocupação em tornar a aprendizagem mais significativa e contextualizada. Essa postura evidencia uma compreensão de que o reconhecimento da diversidade linguística ocorre de forma mais efetiva quando os estudantes conseguem identificar esse fenômeno em situações reais de comunicação e em suas próprias vivências.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes procuram desenvolver práticas pedagógicas que valorizam a diversidade linguística sem desconsiderar a importância do ensino da norma-padrão. Entretanto, as estratégias adotadas revelam enfoques distintos. Enquanto P1 direciona sua prática para a valorização da identidade linguística dos estudantes, articulando essa valorização ao ensino da variedade de prestígio, P2 privilegia metodologias que estimulam a observação, a reflexão e o contato com diferentes usos da língua em contextos reais. Essa diferença evidencia que, embora compartilhem objetivos semelhantes, os participantes constroem caminhos pedagógicos distintos para promover a educação linguística.

Essas práticas dialogam com Bortoni-Ricardo (2004), que defende que a escola deve reconhecer e valorizar as variedades linguísticas trazidas pelos alunos, sem deixar de garantir o acesso à norma-padrão. Para a autora, o ensino de Língua Portuguesa deve promover uma educação linguística que respeite a diversidade dos falares e prepare os estudantes para utilizar diferentes variedades conforme as exigências das diversas situações de comunicação.

Dessa forma, as respostas revelam que os participantes procuram desenvolver um ensino que reconhece a legitimidade das diferentes variedades linguísticas, ao mesmo tempo em que busca ampliar o repertório linguístico dos estudantes por meio do ensino da norma-padrão. As práticas relatadas demonstram que a valorização da diversidade linguística e o ensino da variedade de prestígio são compreendidos como processos complementares, e não excludentes.

Quadro 6 – Respostas à pergunta: quais estratégias didáticas você utiliza para trabalhar conteúdos relacionados à diversidade linguística em sala de aula?

Participantes	Respostas
P1	<i>Bom, geralmente a gente usa variados gêneros textuais, nesses gêneros né, como música, poema, e outros, a gente procura identificar essas variações, esses textos para que os alunos percebam que em textos escritos também aparecem essas variações.</i>
P2	<i>É normalmente isso, eles vão fazer uma pesquisa, um projeto de campo, trazem falas que são reais.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 6, percebemos que ambos os participantes procuram desenvolver estratégias didáticas que possibilitem aos estudantes compreender a diversidade linguística de forma contextualizada. Embora utilizem metodologias diferentes, as respostas evidenciam uma preocupação comum em aproximar o ensino da realidade linguística dos alunos, favorecendo a reflexão sobre os diferentes usos da língua e reconhecendo a variação linguística como um fenômeno presente nas práticas sociais.

Ao analisarmos a resposta de P1, observamos que a participante recorre à utilização de diferentes gêneros textuais, como músicas, poemas e outros textos, para evidenciar a presença das variedades linguísticas. Essa escolha metodológica demonstra uma compreensão de que a variação linguística não se restringe à modalidade oral, estando também presente na escrita e em diferentes manifestações culturais. Além disso, ao utilizar gêneros diversificados, a participante amplia as possibilidades de contato dos estudantes com diferentes formas de uso da língua, favorecendo uma aprendizagem baseada na observação e na reflexão sobre os contextos em que essas variedades são empregadas.

Ao observarmos a resposta de P2, percebemos que o participante privilegia estratégias investigativas, incentivando os estudantes a realizarem pesquisas e projetos de campo a partir da coleta de falas presentes em seu cotidiano. Essa prática evidencia uma valorização das experiências linguísticas dos próprios alunos, transformando a realidade sociolinguística da comunidade em objeto de estudo. Dessa forma, o participante demonstra compreender que o ensino da variação linguística torna mais significativo quando o estudante reconhece esse fenômeno em sua própria vivência, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e as práticas sociais de linguagem.

Ao analisarmos as respostas, percebemos que ambos os participantes desenvolvem estratégias que se afastam de uma abordagem exclusivamente normativa do ensino de Língua Portuguesa. Enquanto P1 utiliza os gêneros textuais como recurso para evidenciar a diversidade linguística presente em diferentes produções discursivas, P2 direciona sua prática para a investigação da linguagem utilizada no cotidiano dos estudantes. Apesar das diferenças metodológicas, ambas as propostas revelam uma preocupação em promover um ensino que estimule a reflexão sobre os usos da língua, em vez da simples memorização de regras gramaticais, em consonância com o que defende Antunes (2007).

Nessa perspectiva, o trabalho com diferentes gêneros textuais e com situações reais de uso da língua favorece o desenvolvimento da competência comunicativa e contribui para que os estudantes compreendam a língua como um fenômeno heterogêneo, dinâmico e socialmente constituído.

Quadro 7 – Respostas à pergunta: como você aborda o ensino da norma-padrão sem desconsiderar as demais variedades linguísticas?

Participantes	Respostas
P1	<i>A abordagem ela é sempre feita mostrando que é a melhor forma no caso a norma-padrão é a maneira mais adequada de você produzir o texto escrito, levando em consideração o conjunto de regras com a língua tem, e em nenhum momento deixar o aluno ciente de que ela é a única né, que ela é a melhor né, claro que a língua padrão ela vai ter esse destaque pela questão dela representar o conjunto de regras que a língua oferece, porém eu preciso deixar claro pro aluno que é mais uma variedade dentre elas, dentre todas que uma pode oferecer né, de variedade linguística. Eu creio muito na questão do que na sala de aula essa norma-padrão ela precisa ser colocada de uma forma muito clara pro aluno de que eu preciso aprender essa língua padrão porque ela é quem vai me possibilitar a me incluir no meio social.</i>
P2	<i>Bom a gente passa pelo padrão quando precisa trabalhar, aí a gente deixa muito claro, que é preciso, a gente inclusive estuda a língua portuguesa por causa disso, todo mundo não vou dizer que nasce falando, porque a gente não nasce falando, mas a gente aprende de uma forma mais espontânea, porque o primeiro contato também é o núcleo da família, e é uma aprendizagem que vai acontecendo ao longo dessa maturação da criança.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Nas respostas do quadro 7, percebemos que os participantes reconhecem a importância do ensino da norma-padrão no contexto escolar, sem desconsiderar a existência das demais variedades linguísticas. Mas, as respostas destacam diferentes compreensões acerca da forma como esse ensino deve ser desenvolvido, revelando concepções distintas sobre a relação entre a variedade de prestígio e as demais formas de uso da língua.

Na resposta de P1, observamos que o participante demonstra preocupação em apresentar a norma-padrão como uma das variedades da língua, evitando caracterizar como a única forma legítima de expressão. Ao afirmar que essa variedade deve ser ensinada por representar o conjunto de regras da língua e por favorecer a inclusão social, evidencia compreender que seu domínio amplia as possibilidades de participação dos estudantes em diferentes práticas sociais. Ao mesmo tempo, ressalta que os alunos devem compreender que a norma-padrão não invalida as demais variedades linguísticas, mas constitui apenas uma entre as diversas formas de realização da língua. Essa postura revela uma tentativa de equilibrar o ensino da variedade de prestígio com o reconhecimento da diversidade linguística presente na sociedade.

Ao analisarmos as respostas do P2, ele enfatiza o papel da escola no processo de sistematização dos conhecimentos linguísticos. Ao destacar que a aprendizagem da língua ocorre inicialmente de forma espontânea, no ambiente familiar, e que o ensino escolar tem como função desenvolver o conhecimento da norma-padrão, demonstra compreender que a escola amplia o repertório linguístico dos estudantes. No entanto, sua resposta concentra-se principalmente na necessidade desse ensino, sem explicitar de forma mais detalhada como essa aprendizagem pode ser articulada ao reconhecimento das demais variedades linguísticas. Essa perspectiva evidencia uma valorização da função escolar no ensino da variedade de prestígio, embora apresente menor ênfase na discussão sobre a diversidade linguística.

Observando as falas em conjunto, percebemos que ambos os participantes atribuem à escola a responsabilidade de ensinar a norma-padrão, compreendendo que seu domínio possibilita aos estudantes ampliar suas formas de participação social. Entretanto, enquanto P1 demonstra maior preocupação em explicitar que a norma-padrão deve ser apresentada sem deslegitimar as demais variedades da língua, P2 direciona sua resposta para a função da escola na sistematização desse conhecimento. Essa diferença revela que, embora ambos reconheçam a importância da variedade de prestígio, apresentam diferentes níveis de aprofundamento quanto à articulação entre seu ensino e a valorização da diversidade linguística.

Essas compreensões dialogam com Faraco (2008), que defende que a norma-padrão deve ser ensinada como uma variedade de referência para determinadas situações formais de comunicação, sem que isso implique a desvalorização das demais variedades linguísticas. Para o autor, o ensino de Língua Portuguesa deve possibilitar aos estudantes o domínio da norma-padrão, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento da diversidade linguística como uma característica constitutiva da língua.

Dessa forma, as respostas evidenciam que ambos os participantes reconhecem a importância do ensino da norma-padrão no contexto escolar e compreendem seu papel na ampliação das possibilidades de participação social dos estudantes. Contudo, também revelam diferentes perspectivas quanto à articulação entre o ensino da variedade de prestígio e a valorização das demais variedades linguísticas, demonstrando que esse equilíbrio constitui um desafio permanente para as práticas pedagógicas de Língua Portuguesa.

Quadro 8 – Respostas à pergunta: Imagine a seguinte situação em sala de aula: ao perguntar aos alunos “quem foi à praça ontem”, e um estudante responde: “nós foi”. Como você reagiria diante dessa resposta e de que forma conduziria essa situação pedagogicamente?

Participantes	Respostas
P1	<i>Eu diria pro aluno que eu entendi perfeitamente o que ele me disse, então não causaria nenhum tipo de constrangimento a ele, mas eu perguntaria como nós descreveríamos isso de uma forma correta segundo a gramática da norma-padrão, aí a gente faria uma discussão, o porque que na escrita nós devemos levar em consideração a questão do conjunto de regras da língua. Porque ao falarmos, nós utilizamos a língua para nos fazer entender, e ao escrevermos o cuidado ele tem que ser muito grande com a forma como você vai representar graficamente aquilo que você quer expressar. Então aí nesse caso da norma-padrão é preciso que o aluno tenha consciência de que não pode se escrever da mesma maneira que nós falamos.</i>
P2	<i>Diante disso, eu não chego a reprimir, a não ser que fosse em momento mais formal, como uma apresentação de trabalho que eles precisariam de uma modalização dessa fala. Por que uma coisa é você falar aqui em uma roda de conversa, ou mesmo tá simplesmente intervindo na aula, que aqui é o caso de tirar uma dúvida ou fazer qualquer outra colocação.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 8, percebemos que ambos os participantes demonstram preocupação em evitar que a correção linguística se transforme em um mecanismo de constrangimento ou desvalorização da fala dos estudantes. Em vez de adotarem uma postura corretiva baseada na oposição entre "certo" e "errado", procuram utilizar essas situações como oportunidades para discutir os diferentes usos da língua, evidenciando uma compreensão de que as variedades linguísticas possuem funções específicas conforme o contexto de interação.

Na resposta de P1, observamos uma preocupação em legitimar, inicialmente, a fala do estudante ao afirmar que compreendeu perfeitamente a mensagem. Esse posicionamento revela que a participante não considera a variedade utilizada pelo aluno um obstáculo para a comunicação, mas um ponto de partida para o processo de ensino. Ao propor uma discussão sobre a forma prevista pela norma-padrão, sem desqualificar a fala do estudante, demonstra compreender que o ensino da variedade de prestígio pode ocorrer de forma reflexiva e respeitosa. Entretanto, sua resposta também evidencia uma distinção bastante marcada entre oralidade e escrita, atribuindo à modalidade escrita a necessidade de maior conformidade com as regras da gramática normativa. Essa compreensão revela que, embora reconheça a legitimidade das variedades linguísticas na fala, mantém uma concepção de maior rigor em relação à escrita.

A resposta de P2 também evidencia uma postura coerente com o princípio da adequação linguística. Ao afirmar que não repreenderia o estudante em situações espontâneas de interação, mas que faria intervenções em momentos de maior formalidade, como apresentações de trabalhos, o participante demonstra compreender que as escolhas linguísticas devem estar relacionadas às exigências de cada situação comunicativa. Sua fala evidencia que o ensino da norma-padrão não é concebido como substituição das demais variedades, mas como um recurso que o estudante deve mobilizar quando o contexto exigir um maior grau de monitoramento da linguagem.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes compreendem que a intervenção do professor deve ocorrer de maneira contextualizada, respeitando a variedade linguística utilizada pelo estudante e promovendo a reflexão sobre a adequação dos usos da língua. Entretanto, também observamos que as respostas direcionam essa discussão principalmente para a relação entre oralidade e escrita ou entre situações informais e formais de comunicação, concentrando o ensino da norma-padrão em contextos específicos.

Essas compreensões dialogam com Antunes (2007), que defende que o ensino de Língua Portuguesa deve partir dos usos reais da língua, considerando as diferentes situações de interação e promovendo a reflexão sobre a adequação linguística. Para a autora, a aprendizagem da norma-padrão não deve ocorrer por meio da desvalorização das variedades utilizadas pelos estudantes, mas pela ampliação de suas competências comunicativas, possibilitando que façam escolhas linguísticas adequadas aos diferentes contextos de uso.

Dessa forma, as respostas evidenciam uma prática pedagógica alinhada à valorização da diversidade linguística, ao mesmo tempo em que reafirmam a importância do ensino da norma-padrão como uma variedade necessária em determinadas situações sociais. Os dados indicam que os participantes procuram desenvolver um ensino pautado no respeito às diferentes formas de falar, utilizando a adequação linguística como princípio para orientar suas intervenções em sala de aula.

4.3 A percepção dos professores sobre a importância do ensino da variação linguística

Quadro 9– Respostas à pergunta: qual a importância do ensino da variação linguística no contexto escolar?

Participantes	Respostas
P1	<i>Muito importante até pra desfazer alguns estereótipos né, e preconceitos que existe em nosso meio. É preciso que todo mundo entenda que se há variedade linguística já leva pra identidade cultural de grupos de falantes, é preciso que todo mundo respeite essas variedades e que apesar de ser uma variedade, digamos, não tão valorizada, mas ela comunica tanto quanto aquelas que são vistas como mais valorizadas.</i>
P2	<i>Acho que é super importante porque tá totalmente vinculado a essa questão do bullying, acho que a gente precisa fomentar, que haja mais respeito entre as pessoas. Seja por qualquer motivo. Respeitar a origem dela, a forma como ela entende o mundo, a forma como ela se veste, como ela fala, enfim. Esse respeito a língua, eu acho que deveria ter mais esse olhar voltado ao respeito e conscientização, assim como se é discutido em escola, a questão do meio ambiente e a consciência negra, sei que estou fugindo do assunto, mas eu queria que acontecesse mais de ser um olhar da própria escola, mais nesse sentido educativo mesmo. Das diferenças de gêneros por exemplo. Do respeito do direito da mulher, tá acontecendo mais, mas eu ainda queria que fosse mais presente. E eu acho que é a mesma coisa com a variação linguística, é muito nesse sentido.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 9, podemos observar que ambos os participantes atribuem grande importância ao ensino da variação linguística no contexto escolar. Ao analisarmos suas respostas, percebemos que ambos relacionam esse ensino à promoção do respeito às diferenças e ao combate ao preconceito linguístico, compreendendo a escola como um espaço fundamental para a valorização da diversidade linguística e cultural.

Ao analisarmos a resposta de P1, percebemos que a participante destaca a importância do ensino da variação linguística como uma forma de desconstruir estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Em seu relato, enfatiza que as diferentes variedades linguísticas estão diretamente relacionadas à identidade cultural dos grupos de falantes e, por isso, devem ser respeitadas. Além disso, ressalta que, mesmo quando determinadas variedades são socialmente menos prestigiadas, elas desempenham plenamente sua função comunicativa. Diante disso, podemos perceber que a participante compreende o ensino da variação linguística como um instrumento de valorização das diferentes formas de expressão e de enfrentamento do preconceito linguístico.

A partir das respostas apresentadas no Quadro 9, percebemos que ambos os participantes atribuem ao ensino da variação linguística uma função que ultrapassa a aprendizagem dos conteúdos relacionados à língua. Em suas falas, esse ensino é compreendido como uma ferramenta capaz de promover o respeito às diferenças, combater o preconceito linguístico e contribuir para a construção de relações mais inclusivas no ambiente escolar. Dessa forma, a importância da variação linguística é associada não apenas ao desenvolvimento da competência comunicativa, mas também à formação ética e social dos estudantes.

Na resposta de P1, observamos que a participante estabelece uma relação direta entre o ensino da variação linguística e o enfrentamento de estereótipos e preconceitos. Ao afirmar que as diferentes variedades refletem a identidade cultural dos grupos de falantes, demonstra compreender que a língua constitui um importante elemento de construção da identidade social. Além disso, ao destacar que variedades menos prestigiadas comunicam com a mesma eficiência que aquelas socialmente valorizadas, evidencia uma postura que rompe com a ideia de superioridade de determinadas formas de falar. Essa compreensão revela que a participante reconhece a legitimidade das diferentes variedades linguísticas e entende que a escola deve contribuir para a valorização dessa diversidade.

Na resposta de P2, percebemos que a importância atribuída ao ensino da variação linguística está fortemente relacionada à convivência e ao respeito às diferenças. Ao associar essa temática ao combate ao bullying e compará-la a outras discussões promovidas pela escola, como aquelas relacionadas ao meio ambiente, à igualdade de gênero e ao respeito às diferenças, o participante amplia o alcance dessa discussão para além dos aspectos linguísticos. Essa perspectiva evidencia que o ensino da variação linguística é compreendido como parte da formação cidadã dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes de respeito, empatia e valorização da diversidade humana.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes compartilham a compreensão de que o ensino da variação linguística desempenha um papel social importante no contexto escolar. Entretanto, enquanto P1 fundamenta sua resposta na valorização da identidade linguística e no combate ao preconceito relacionado às diferentes formas de falar, P2 amplia essa discussão ao inseri-la em um conjunto mais abrangente de práticas educativas voltadas para o respeito às diferenças e à convivência democrática. Embora partam de perspectivas distintas, ambos atribuem ao ensino da diversidade linguística um papel formativo que vai além da aprendizagem da língua.

Essas compreensões dialogam com Bagno (2007), que defende que o ensino da variação linguística constitui um importante instrumento para o combate ao preconceito

linguístico e para a valorização da diversidade presente na sociedade. Para o autor, reconhecer a legitimidade das diferentes variedades linguísticas possibilita à escola desenvolver uma educação mais democrática, promovendo o respeito às identidades culturais dos falantes e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

Dessa forma, as respostas evidenciam que ambos os participantes reconhecem a importância do ensino da variação linguística para além dos aspectos estritamente linguísticos, compreendendo-o como um elemento fundamental para a formação ética, social e cidadã dos estudantes. Embora enfatizem aspectos distintos, ambos defendem que a valorização da diversidade linguística contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico e para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

Quadro 10 – Respostas à pergunta: em sua percepção, o trabalho com a diversidade linguística contribui para a formação crítica e social dos estudantes? De que maneira?

Participantes	Respostas
P1	<i>Com certeza contribui muito porque ele passa a ter uma visão de que todo mundo é feito de diferenças e nós precisamos respeitar essas diferenças, então ela contribui nesse sentido, de que o aluno desenvolve a percepção crítica de que nós precisamos respeitar o outro nas condições em que ele possa se apresentar.</i>
P2	<i>Sim, com certeza, acho muito interessante e até meio que obrigatório, né? Pois assim eles sabem e conseguem diferenciar, se entender e até mesmo se aceitar, porque tem uns que fica até com receio mesmo, de conversar, ter uma interação. Uma vez já me ocorreu de eu estar em sala de aula do primeiro ano e de ter um aluno que era do interior e que falava tipo nós veve, né? No lugar de nós vivemos, e aí foi muito isso, de quase doutrinar, assim a sala pra que respeitasse a forma, até porque a vivência daquele aluno era muito aquilo, ele ouvia diariamente no ciclo da família e o convívio.</i>

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 10, percebemos que ambos os participantes compreendem o trabalho com a diversidade linguística como um importante elemento para a formação crítica e social dos estudantes. Em suas falas, esse ensino não se restringe ao desenvolvimento de conhecimentos sobre a língua, mas aparece associado à construção de valores como respeito, empatia e valorização das diferenças. Dessa forma, os participantes atribuem à escola um papel que ultrapassa a dimensão linguística, reconhecendo sua contribuição para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para conviver em uma sociedade marcada pela diversidade.

Ao analisarmos a resposta de P1, observamos que a participante relaciona diretamente o trabalho com a diversidade linguística ao desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes. Ao afirmar que esse ensino contribui para que os alunos compreendam que "todo mundo é feito de diferenças", evidencia uma concepção de educação voltada para o reconhecimento da pluralidade social e para o respeito às diferentes formas de expressão. Sua resposta demonstra que a valorização das variedades linguísticas é compreendida como um caminho para combater atitudes preconceituosas e fortalecer a convivência respeitosa no ambiente escolar. Nesse sentido, percebemos que a participante atribui ao ensino da variação linguística uma função formativa que vai além da aprendizagem dos conteúdos curriculares.

Ao observarmos a resposta de P2, percebemos que o participante fundamenta sua compreensão a partir de uma experiência vivenciada em sala de aula. O relato do estudante que utilizava uma variedade linguística característica de sua comunidade evidencia uma preocupação em intervir pedagogicamente para evitar situações de discriminação entre os colegas. Ao explicar à turma que aquela forma de falar fazia parte da realidade sociocultural do aluno, o participante demonstra compreender que a escola deve atuar no enfrentamento do preconceito linguístico e na valorização das identidades linguísticas dos estudantes. Além disso, ao destacar que esse trabalho contribui para que os alunos se sintam mais seguros para interagir e se expressar, evidencia que o reconhecimento da diversidade linguística também favorece o fortalecimento da autoestima e da participação dos estudantes nas práticas escolares.

Ao analisarmos as respostas em conjunto, percebemos que ambos os participantes compreendem que o ensino da diversidade linguística possui implicações que vão além da aprendizagem da norma-padrão ou do reconhecimento das diferentes variedades da língua. As respostas revelam uma preocupação comum em promover um ambiente escolar baseado no respeito às diferenças e na valorização das experiências socioculturais dos estudantes. Entretanto, enquanto P1 enfatiza o desenvolvimento da consciência crítica e do respeito à diversidade, P2 direciona sua resposta para situações concretas de preconceito vivenciadas na escola, evidenciando uma compreensão mais voltada para a intervenção pedagógica diante dessas ocorrências.

Essas compreensões dialogam com os pressupostos da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004), ao evidenciarem que o ensino da diversidade linguística pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão, o respeito às diferenças e o enfrentamento do preconceito linguístico. Nessa perspectiva, a valorização das diferentes formas de falar favorece não apenas o desenvolvimento da competência comunicativa, mas também a formação de sujeitos capazes de reconhecer e respeitar a pluralidade presente na sociedade.

Dessa forma, as respostas evidenciam que os participantes atribuem ao ensino da diversidade linguística um importante papel na formação crítica e social dos estudantes. Mais do que ampliar conhecimentos sobre a língua, as práticas relatadas demonstram a preocupação em construir um ambiente escolar mais acolhedor, no qual as diferenças linguísticas sejam reconhecidas como manifestações legítimas da diversidade cultural e social, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, respeitosos e participativos.

4.4 Relação entre concepções de língua e práticas pedagógicas

A análise conjunta das entrevistas permite compreender que existe uma relação entre as concepções de língua manifestadas pelos participantes e as práticas pedagógicas por eles relatados. Ao longo das análises, observamos que a forma como os professores compreendem a língua, a norma-padrão e a variação linguística influenciam diretamente as estratégias de ensino adotadas em sala de aula e a maneira como conduzem situações envolvendo a diversidade linguística.

De modo geral, as respostas destacam que ambos os participantes reconhecem a língua como um fenômeno heterogêneo e entendem a variação linguística como uma característica inerente às práticas de linguagem. Esse entendimento aparece tanto nas definições apresentadas sobre língua e variação linguística quanto nas estratégias pedagógicas descritas, nas quais os professores procuram valorizar as diferentes formas de expressão dos estudantes sem deixar de reconhecer a importância do ensino da norma-padrão.

Entretanto, as entrevistas também revelam diferenças na forma como essas concepções são traduzidas para a prática pedagógica. Enquanto P1 demonstra maior preocupação em articular a valorização das variedades linguísticas ao ensino da norma-padrão, compreendendo esta como um instrumento de ampliação das oportunidades de participação social, P2 enfatiza o desenvolvimento de atividades contextualizadas, utilizando documentários, pesquisas, exemplos do cotidiano e situações reais de comunicação para aproximar os estudantes da diversidade linguística presente na sociedade.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à forma como ambos compreendem o papel da escola diante das diferentes variedades linguísticas. Em nenhum momento os participantes defendem práticas de ensino fundamentadas na desvalorização da fala dos estudantes ou na ideia de que exista apenas uma forma legítima de utilização da língua. Pelo contrário, as respostas demonstram uma preocupação constante em evitar o preconceito linguístico, acolher as experiências linguísticas dos alunos e promover reflexões sobre a adequação dos usos da língua aos diferentes contextos comunicativos.

As respostas também evidenciam que, para os participantes, o ensino da norma-padrão não deve ocorrer em oposição às demais variedades linguísticas. Ao contrário, essa variedade é compreendida como um conhecimento que amplia as possibilidades de atuação dos estudantes em diferentes práticas sociais, sem que isso implique a negação de suas identidades linguísticas. Essa compreensão aparece de forma recorrente ao longo das entrevistas e demonstra uma concepção de ensino que busca conciliar o respeito à diversidade linguística com a formação dos estudantes para situações comunicativas que exigem maior monitoramento da linguagem.

Diante dos resultados obtidos, é possível afirmar que as concepções de língua manifestadas pelos participantes apresentam coerência com as práticas pedagógicas por elas descritas. Embora adotem estratégias metodológicas distintas, ambos demonstram compreender que o ensino de Língua Portuguesa deve promover o respeito às diferentes variedades linguísticas e, simultaneamente, garantir aos estudantes o acesso à norma-padrão, ampliando sua competência comunicativa e sua participação nas diversas práticas sociais. Dessa forma, os resultados desta pesquisa evidenciam que as concepções docentes exercem influência significativa sobre as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da variação linguística, respondendo, assim, ao objetivo proposto neste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a variação linguística no contexto escolar significa refletir sobre a própria função social da escola e sobre o papel do ensino de Língua Portuguesa na formação de sujeitos capazes de compreender a língua em sua diversidade. Embora os estudos sociolinguísticos tenham ampliado significativamente as discussões acerca da heterogeneidade linguística, observamos que muitos desafios ainda permanecem quando esse conhecimento precisa ser incorporado às práticas pedagógicas. Foi a partir dessa inquietação que esta pesquisa se desenvolveu, buscando compreender como professores de Língua Portuguesa concebem a variação linguística e de que maneira essas concepções repercutem no contexto do ensino.

Os resultados obtidos evidenciaram que os professores participantes reconhecem a variação linguística como um fenômeno inerente à língua e demonstram compreender sua importância no contexto escolar. Em suas falas, observamos posicionamentos favoráveis ao respeito pelas diferentes formas de falar, à valorização da identidade linguística dos estudantes e ao combate ao preconceito linguístico. Tais concepções que aproximam das discussões defendidas pelos estudos sociolinguísticos, que compreendem a língua como um fenômeno vivo e marcado pela diversidade de usos.

Entretanto, a pesquisa também revelou que esse reconhecimento ainda enfrenta desafios quando se trata de sua efetiva incorporação às práticas pedagógicas. As entrevistas indicaram que, embora os participantes atribuam relevância ao ensino da variação linguística, sua abordagem tende a ocorrer de maneira pontual, geralmente associada aos conteúdos previstos no planejamento escolar ou no livro didático. Esse aspecto permite compreender que ainda existe um distanciamento entre o conhecimento teórico dos docentes e a consolidação de práticas que integrem a reflexão sobre a diversidade linguística de forma contínua ao ensino de Língua Portuguesa.

Esse resultado não deve ser interpretado como uma limitação do trabalho docente, mas como um reflexo da complexidade que envolve o ensino da língua na educação básica. A forte presença da gramática normativa, as exigências curriculares, a preparação dos estudantes para avaliações externas e a própria tradição do ensino de Língua Portuguesa constituem fatores que influenciam as escolhas pedagógicas realizadas pelos professores. Nesse contexto, a inserção da variação linguística como objeto permanente de reflexão ainda representa um desafio que demanda investimentos na formação inicial e continuada dos docentes, bem como o fortalecimento de práticas pedagógicas que articulem os conhecimentos linguísticos às experiências sociais dos estudantes.

Ao longo deste estudo, tornou-se ainda mais evidente que valorizar a diversidade linguística não significa negar a importância da norma-padrão. Ao contrário, significa compreender que ela corresponde a uma das variedades da língua e que seu ensino pode ocorrer de forma contextualizada, respeitando os diferentes contextos de uso e as múltiplas experiências linguísticas dos falantes. Dessa maneira, o ensino da Língua Portuguesa deixa de estar centrado exclusivamente na correção e passa a favorecer uma educação linguística que reconhece a pluralidade como elemento constitutivo da própria língua.

Embora esta pesquisa tenha sido desenvolvida com um número reduzido de participantes e em apenas uma instituição de ensino, os resultados alcançados possibilitam reflexões relevantes sobre o ensino da variação linguística no contexto da educação básica. Além de contribuir para ampliar as discussões sobre essa temática, acredita que este estudo possa incentivar novas investigações envolvendo diferentes contextos escolares, outros níveis de ensino e um número maior de participantes, ampliando as possibilidades de compreensão desse fenômeno e de suas implicações para a prática docente.

Por fim, esperamos que as reflexões construídas ao longo desta pesquisa reforcem a necessidade de compreender a língua em sua diversidade e de reconhecer a escola como um espaço de valorização das diferentes formas de expressão. Mais do que ensinar normas e regras, ensinar Língua Portuguesa significa possibilitar que os estudantes compreendam a riqueza da língua em seus diferentes usos, reconhecendo que cada variedade linguística representa a história, a cultura e a identidade de seus falantes. Promover essa compreensão é contribuir para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e respeitosos diante da diversidade que caracteriza a língua e a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 47.ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BATALHA, J.; *et al.* Variação linguística em sala de aula: concepções de futuros professores e professores em exercício. **Revista Da Associação Portuguesa De Linguística**, n. 12, p. 39–59, 2025. Disponível em: <https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/294>. Acesso em: 14 jan. 2026.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso: 20 mai. 2026.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática 1992.
- SILVA, T. F. da; SOUSA, M. das D. O. de. O tratamento da variação linguística em sala de aula: reflexões críticas sobre a prática docente. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 90–112, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671656>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

DIMENSÃO DE ANÁLISE 1- Concepções de língua, norma e variação

- 1) Como você compreende o conceito de língua?
- 2) O que você entende por norma padrão, norma culta e norma popular?
- 3) Como você compreende o fenômeno da variação linguística e sua presença no cotidiano escolar?
- 4) Você acredita que existe uma única forma correta de falar ou escrever? Justifique.

DIMENSÃO DE ANÁLISE 2- Práticas pedagógicas em torno da variação linguística

- 1) De que forma a variação linguística é abordada em suas aulas?
- 2) Quais estratégias didáticas você utiliza para trabalhar conteúdos relacionados à diversidade linguística em sala de aula?
- 3) Como você aborda o ensino da norma padrão sem desconsiderar as demais variedades linguísticas?
- 4) Imagine a seguinte situação em sala de aula: ao perguntar aos alunos “Quem foi à praça ontem”, e um estudante responde: “Nós foi”. Como você reagiria diante dessa resposta e de que forma conduziria essa situação pedagogicamente?

DIMENSÃO DE ANÁLISE 3- Percepção sobre a importância da variação linguística

- 5) Qual a importância do ensino da variação linguística no contexto escolar?
- 6) Em sua percepção, o trabalho com a diversidade linguística contribui para a formação crítica e social dos estudantes? De que maneira?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: um estudo sobre concepções e práticas de professores de língua portuguesa

Pesquisadores responsáveis: Disc. Mirela Cunha da Silva e Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, desta pesquisa. Antes de decidir, é importante que leia atentamente este documento. Caso surjam dúvidas, você poderá solicitar esclarecimentos à pesquisadora responsável a qualquer momento.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem como finalidade apresentar as informações necessárias sobre o estudo, garantindo que sua participação ocorra de maneira consciente e segura.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio, da rede pública do município de São Bernardo (MA), percebem e abordam a variação linguística em suas práticas pedagógicas. Busca-se analisar de que modo essas concepções influenciam o ensino da língua e a valorização (ou não) da diversidade linguística no contexto escolar.

A realização deste estudo justifica-se pela necessidade de refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa, especialmente diante dos desafios existentes entre o ensino da norma-padrão e o reconhecimento das diferentes variedades linguísticas presentes na realidade dos alunos, contribuindo para discussões sobre práticas pedagógicas mais inclusivas e para o enfrentamento do preconceito linguístico.

Caso aceite participar, o(a) Sr.(a) será convidado(a) a responder a uma entrevista com perguntas relacionadas às suas concepções sobre língua, norma e variação linguística, bem como às suas práticas em sala de aula. A entrevista será realizada presencialmente, em local previamente acordado, com duração aproximada de 20 a 40 minutos. Mediante sua autorização, a entrevista poderá ser gravada em áudio, exclusivamente para fins de análise acadêmica.

Os riscos envolvidos nesta pesquisa são considerados mínimos, podendo incluir eventual desconforto ao tratar de aspectos relacionados à prática docente. Para minimizar qualquer desconforto, o(a) participante poderá recusar-se a responder perguntas, interromper sua participação a qualquer momento ou solicitar esclarecimentos sempre que necessário.

A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo qualquer tipo de obrigatoriedade. O(a) Sr.(a) poderá desistir de participar em qualquer momento, sem sofrer qualquer prejuízo.

Esclarecemos que não haverá custos nem compensação financeira pela participação. Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, sem divulgação de dados que permitam sua identificação.

O(A) participante terá acesso a esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa, podendo entrar em contato com os pesquisadores sempre que necessário.

Para mais informações, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis:

Mirela Cunha da Silva

Telefone: (98) 7021 – 7103 e E-mail. Silvamirela346@gmail.com

Thiago de Sousa Amorim

Telefone: (86) 9831 – 3151 e E-mail. Amorim.thiago@ufma.br

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma destinada ao(à) participante e outra aos pesquisadores responsáveis.

Declaração de Consentimento

Declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, intitulada:

“O tratamento da variação linguística no Ensino Médio: um estudo sobre concepções e práticas de professores de Língua Portuguesa”

Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Assim, concordo em participar da pesquisa.

_____ Assinatura do participante	Data: ____/____/____
--	-----------------------------

Eu, Mirela Cunha da Silva e Thiago de Sousa Amorim, declaramos cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

_____ Assinatura do Pesquisador	Data: ____/____/____
---	-----------------------------

_____ Assinatura do Pesquisador	Data: ____/____/____
---	-----------------------------